

Mulher batalhadora, dona Zélia relata as conquistas que o trabalho lhe rendeu



Dona Zélia Maria dos Santos Alves é uma mulher forte, trabalhadora, corajosa e extremamente dedicada à família. Ela mora no sítio Namorado, município de Currais Novos, sertão Seridó, no Rio Grande do Norte. Foi lá que nasceu, em 17 de abril de 1962. As terras, ela recebeu em doação, da sogra, e outra parte de herança dos pais. A vida toda de dona Zélia, desde criança, foi de muitas dificuldades, lutas e trabalho, mas toda dedicada à família. Primeiro, à família dos pais. “Eu, mesmo sendo mais nova, a do meio, era quem cuidava da família, porque meus pais confiavam em mim”, conta dona Zélia. Depois de casada, cuidou da criação e educação das 3 filhas: Luzia Jaqueline dos Santos Alves, hoje com 30 anos; Luana Jaqueline dos Santos Alves, 27 anos; e Laionara Jacicleide dos Santos Alves, 22 anos.

Ela se casou com José Cândido Alves, quando tinha 22 anos. Mas, por várias vezes, ele viajou para trabalhar em Brasília e só voltava de tempos em tempos. “Depois da última vez que veio e voltou para Brasília, demorou 8 anos. Ele se aposentou por lá e veio embora. Já vai fazer 10 anos que ele voltou”, narra dona Zélia. Por causa disso, ela criou as 3 filhas praticamente sozinha. Hoje, seu José Cândido mora com a família, mas tem problemas de saúde e anda apoiado em muletas.

“Pra criar minhas filhas, eu quebrava pedra, plantava hortaliças, criava animais, fazia carvão pra vender e terminei montando um bar e restaurante pequeno, por um ano e seis meses”, relata. Ela conta que teve que fechar o restaurante porque as filhas atingiram a idade escolar e tiveram que ir estudar na cidade. Para ajudar a mãe a sustentar a família, a filha mais velha, Luzia, foi trabalhar de doméstica. “Mas elas continuaram estudando. Hoje, a barra está menos pesada, porque as filhas já estão trabalhando, terminaram cursos técnico e faculdade e já passaram em concurso”, diz dona Zélia, demonstrando satisfação.



Dificuldade com água

A água para consumo doméstico sempre foi uma dificuldade. Ela conquistou a cisterna da primeira água em 2006 e a segunda (cisterna de enxurrada), só em 2015. Ela tem um poço tubular, mas a água é salobra. “Plantei uma hortas, mas a

produção é ruim, porque a água é salgada e queima as verduras e as frutas. Não presta pra produzir verduras. Eu plantei couve, pimentão, coentro e cebolinha. Só vai prestar com a água do inverno”, explica. Não tem água de chuva na cisterna, porque choveu pouco em 2016. Ela colocou água do poço, que é salobra. Antes de ter as cisternas e o poço tubular, ela tinha que ir pegar água no Açude do Pico do Totoró, distante cerca de 3 quilômetros do lugar. “Quando o açude estava cheio, a gente puxava com uma bomba; mas a água de beber tem que pegar mais longe ainda, de um dessalinizador. Mas agora a gente vai pegar mais perto, porque vem um dessalinizador para cá”, disse. Segundo ela, atualmente a água de beber vem da operação “carro pipa”.

Dona Zélia disse que está muito feliz, com a cisterna da segunda água. Ela afirmou que sabe plantar tudo, e quando chover vai produzir. Ela é uma mulher “vivedeira”, guerreira e não tem medo de trabalhar. Na conversa, disse que vendia o que produzia em feiras livres de várias cidades, entre elas as Currais Novos, Lagoa Nova e até em algumas do vizinho Estado da Paraíba. Ainda hoje vende na feira de Currais Novos as galinhas caipiras que cria. Orgulhosa do trabalho, ela mostrou várias galinhas caipiras já prontas, no freezer, para levar e vender na feira e entregar a clientes que fazem encomendas.

Atualmente, dona Zélia cria vários animais. “Eu tenho uma criação de galinha; tinha 10 porcos, mas vendi e agora só estou com dois, mas vou comprar mais, porque gosto muito de criar; tenho 30 cabeças de ovelhas; as do projeto, a primeira pariu, mas morreu; a segunda pariu e se criou, e agora pariu de novo, mas está doente; mas as outras, uma está parida e outra amojada (prenha)”, relata.

O caráter produtivo foi 4 ovelhas. “Ganhei as do projeto e continuo criando, porque vivo disso. Pra sustentar minha casa, eu compro e vendo. Compro porco, galinha, ovelha, gado; eu tinha seis cabeças de gado, mas acabei todas com minhas filhas, para estudarem na faculdade. Tudo quanto peguei e investi, foi pra elas”, diz dona Zélia, demonstrando prazer pelo que faz.

Ela conta que neste ano é que está mais “aliviada”, porque as filhas já terminaram os estudos. “Gastei muito, agora mesmo terminei de pagar R\$ 1.500,00 de um empréstimo. Não fiquei com nada, mas estou muito feliz, porque fiquei livre de contas pra pagar. Acredito que de hoje em diante vou viver mais sossegada, porque minhas filhas agora vão trabalhar e arrumar as coisas pra elas. Pra mim não quero, não. Elas conseguindo pra elas, estou muito feliz”, afirma. As palavras que ela diz são de uma pessoa que se sente vitoriosa e realizada na vida.



Realização



Apoio



Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome

